

**KITS DIDÁTICOS  
DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO ENSINO**

**SOBERANIA E EXPLORAÇÃO**  
o poder sobre o território amazônico setecentista



VIEIRA, Ademar; JÚNIOR, Jucylande; SANTOS, Crystieê. **AJURICABA**. 2. ed.  
Manaus: Black Eye Estúdio, 2022. 134 p.



## **KITS DIDÁTICOS DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO ENSINO**

**Material didático criado e organizado ao longo das aulas na  
Disciplina - *Ensino de História: Teoria e Prática* - 2023**

### **Professora:**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Antonia Terra de Calazans Fernandes

### **Monitora:**

Lorena Sayuri Nakashima

### **Estudantes**

João Vitor Teles do Nascimento

Julia Maria Bida Goveia

Leandro César Tassa Garcia

Pedro Beraldo Masanao Hirata

### **Funcionário Administrativo:**

Marcos Antonio de Oliveira



**Laboratório de Ensino e Material Didático - LEMAD  
Departamento de História – FFLCH –USP  
2023**

## LISTA DE DOCUMENTOS

**MAPA 1:** NATIVE LAND DIGITAL. *Populações indígenas da América do Sul e seus territórios. Recorte feito a partir do banco de dados digital Native Land, sobre territórios de populações nativas do mundo (2023)*. Disponível em: <https://native-land.ca/>



**MAPA 2:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Mapa Político do Brasil (2021)*. Disponível em: [https://geoftp.ibge.gov.br/cartas\\_e\\_mapas/mapas\\_do\\_brasil/politico/brasil\\_politico2500k\\_2021/brasil\\_politico2500k\\_2021.pdf](https://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_do_brasil/politico/brasil_politico2500k_2021/brasil_politico2500k_2021.pdf)



**DOCUMENTO 1:** Trecho Carta de Domingos Vandelli à Coroa portuguesa. In: VANDELLI, Domingos apud FARIA, Miguel. *A Imagem útil*. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2001, p. 2.

**HISTORIOGRAFIA 1:** FARIA, Miguel. *A Imagem útil*. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2001, p. 89.

**DOCUMENTO 2:** Recibo assinado por Julio Mattiazzo que descreve os valores pagos para cada um dos viajantes contratados para expedições (1783). In: MUSEU E LABORATÓRIO ANTROPOLÓGICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA. *Memória da Amazônia. Alexandre Rodrigues Ferreira e a Viagem Filosófica pelas Capitâneas de Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá. 1783–1792*. Porto: Edições Inapa, 1991, p. 16.

**HISTORIOGRAFIA 2:** LEITE, Serafim. *A História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo III, Livro 4. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943, pp. 77–78.

## LISTA DE DOCUMENTOS

**DOCUMENTO 3:** BIBLIOTECA CENTRAL DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS. *Registro de um senhor caramarí sendo utilizado como pagamento de imposto, escrito por Jozeph de Sousa. (1727).*

**DOCUMENTO 4:** Trecho do Diretório dos Índios que se deve observar nas povoações dos índios do Pará e Maranhão, enquanto sua Majestade não mandar o Contrário (1757). Disponível em: [https://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/2018-04/Diretorio dos indios de\) 1757.pdf](https://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/2018-04/Diretorio%20dos%20indios%20de%201757.pdf)



**ICONOGRAFIA 1:** BIBLIOTECA NACIONAL. *A pesca das tartarugas.* Coleção da expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira [17--]. Disponível em: [http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo\\_sophia=595](http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=595)



**MAPA 3:** BIBLIOTECA NACIONAL. *Carta Geográfica do Rio Branco ou Parimé, e dos Rios Caratirmani, Uararicapará, Majari, Tacutí, e Mahú, que nelle confluem, por José Joaquim Freire. [17--].* Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_cartografica/cart525995/cart525995.html](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografica/cart525995/cart525995.html)



## DICIONÁRIO

BLUTEAU, Raphael. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro.* 1ed. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, MDCCLXXXIX [1789]. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/browse?type=author&value=Silva%2C+Ant%C3%B4nio+de+Morais%2C+1755-1824>



## LEITURA DOS DOCUMENTOS

No século XVIII, a colônia portuguesa na América foi alvo de políticas que visavam a consolidação da soberania de Portugal sobre tal espaço e sua transformação efetiva em território português. A partir da Guerra de Sucessão Espanhola (1701–1714) e das reconfigurações geopolíticas da Europa, o Tratado de Madrid (1750) determinou mudanças nas fronteiras coloniais da Espanha e de Portugal, o que tornou ainda mais necessária a intensificação da ocupação lusa na região e de sua exploração econômica. Nesse sentido, a Coroa de Bragança montou expedições de reconhecimento territorial, compostas por engenheiros, naturalistas e intelectuais, a fim de garantir o seu importante território colonial. Para isso, era necessário não só reconhecer as fronteiras por meio de mapas, mas também descrever a fauna e flora locais, registrando seus potenciais econômicos, os quais serviriam de atração para colonos garantirem a soberania portuguesa no território americano.

É importante destacar que o contexto acima descrito não foi protagonizado somente pelos europeus, mas também por todas as populações que habitavam os territórios coloniais, seja por serem seu local de origem ou por serem traficadas para tais regiões. Nessa perspectiva, é importante destacar como os povos indígenas e africanos inserem-se nas disputas econômicas e políticas que visavam a competição entre a Coroa portuguesa e espanhola pela consolidação de sua soberania no ultramar. Assim, este Kit Didático visa introduzir os alunos à Amazônia como palco desta conjuntura de disputa pelo poder no século XVIII, destacando os diversos grupos sociais e étnicos que se relacionaram no local, fosse de maneira conflituosa ou harmônica, para consolidarem seus respectivos interesses. A proposta didática enfatiza a exploração da Amazônia como uma das maneiras através pela qual Portugal firmou seu domínio sobre aquele espaço, no entanto, pretende-se fazer com que o aluno perceba a agência das populações nativas dentro desse processo, por meio da análise das

## LEITURA DOS DOCUMENTOS

fontes a contra-pelo, de modo a identificar a ação da população subalterna. Dessa forma, pretende-se exercitar o pensamento histórico e crítico com os alunos, trabalhando as diferentes escalas temporais e espaciais que compuseram o século XVIII, como a resistência indígena local ou do Tratado de Madri.

Inicialmente, apresentaremos dois mapas para os alunos entenderem como as fronteiras, a soberania e o território são construções históricas, frutos de distintos projetos políticos. Através da comparação entre os mapas Terras Nativas Digital e Mapa Político do Brasil, deve-se questionar não só os conceitos de fronteira, soberania e território, mas também de nação, compreendendo como o mapa do Brasil que conhecemos hoje é decorrente de imposições territoriais que abarcaram muitos povos, mas que também fazem parte de um processo de dizimação das populações originárias. Desse modo, a primeira seção de documentos pretende que os alunos questionem-se e reflitam sobre a soberania brasileira, percebendo como a construção dessa unidade territorial é um processo artificial, pautado na exploração colonial, e, posteriormente, no resgate de traços das culturas dizimadas para construção de uma identidade nacional. Também é esperado que os alunos percebam como, na contemporaneidade, ainda existem conflitos com os povos indígenas, motivados, na maioria, por razões econômicas. Além disso, a proposta pretende ainda explorar a cartografia como recurso didático, demonstrando como essa constitui uma das formas de registro do poder sobre determinado espaço, ressaltando o caráter discursivo de mapas.

É indicado que, se possível, o professor acesse o site [Native-Land](#), para interagir com o Mapa 1 em sua totalidade. Essa plataforma abrangerá a complexidade e a diversidade dos povos, nações e culturas indígenas da América. Para visualizar a mesma imagem do Mapa 1, ao abrir a plataforma, centralize o globo na América do Sul. Neste mapa aparecem diversas

## LEITURA DOS DOCUMENTOS

manchas coloridas, de variados tamanhos e formas, correspondentes aos territórios dos povos indígenas, de acordo com sua etnia. A plataforma não possui uma grande precisão geográfica no mapa, mas é um bom recurso para ilustrar e trabalhar com o tema, Terras Indígenas, principalmente no Brasil, lembrando que a plataforma está em constante atualização. O Mapa 2 foi elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e corresponde à demarcação oficial do Brasil atual. Caso necessário, para visualização mais detalhada de cada documento, o professor poderá abrir o link ou QR code disponibilizados. A visualização virtual é recomendada devido à nitidez dos detalhes presentes nos mapas e em outros documentos propostos, mas é substituível, pois a ideia é que os alunos trabalhem com os materiais impressos, tornando essa proposta didática mais acessível.

Os Documentos 1 e 2 tratam sobre as expedições organizadas pela Coroa portuguesa no fim do século XVIII, de modo a assegurar seu domínio sobre os territórios coloniais. Naquele momento, a Coroa portuguesa buscava redescobrir as potencialidades econômicas de suas posses ultramarinas, tendo em vista a decadência da exploração de ouro na região das Gerais. O Documento 1 foi escrito por Domingos Vandelli, naturalista italiano que serviu à Coroa portuguesa como organizador de viagens filosóficas, as quais estavam intimamente relacionadas aos interesses econômicos desta. O respectivo texto de Vandelli refere-se a uma expedição cujo objetivo era demarcar o território além-mar, de modo a não perder parte significativa deste para a Coroa espanhola. Além disso, o Documento 2, por sua vez, consiste em uma listagem de contratação de pessoas para realização de expedições, cujas profissões dos listados relacionam-se com os objetivos exploratórios de Portugal naquele período. Desse modo, os dois documentos dialogam entre si ao expressar o anseio da metrópole em estabelecer um domínio político-econômico sobre sua colônia.

## LEITURA DOS DOCUMENTOS

Além da leitura de documentos, esse kit didático utiliza trechos historiográficos complementares às atividades propostas, devido à dificuldade imposta pela pouca familiaridade dos alunos com a leitura de fontes do século XVIII. Neste sentido, a Historiografia 1 dialoga com o escrito de Domingos Vandelli e ao recibo das expedições, fazendo com que os estudantes percebam o contexto geral das preocupações e políticas do Estado português. O trecho trabalha com a relação de exploração entre metrópole e colônias como garantia da soberania política e econômica de Portugal.

Na Historiografia 2, é descrita a figura de Guajuricaba, também conhecido como Ajuricaba, grande líder da resistência indígena na região do rio Negro e de etnia Manaó nesse período. Esse excerto apresenta a figura do indígena não como pano de fundo da História, mas como um agente político de grande protagonismo. O fato de Guajuricaba ter hasteado a bandeira holandesa em seu barco, pode indicar a sua leitura sobre os conflitos entre portugueses e holandeses, e seu posicionamento diante deste. Além disso, no trecho, Serafim Leite evidencia o comércio entre Manaós e mercadores dos Países Baixos. Relacionando-se a esse trecho, no Documento 3, é possível observar o registro de um senhor caramarí sendo utilizado como pagamento de imposto, sendo, esse indígena, considerado um associado de Ajuricaba e sua tropa. A partir da comparação entre esses dois textos, ressaltamos não apenas a agência indígena no processo de colonização da região amazônica, mas evidencia também as consequências desse processo para a população originária, que fora escravizada e desumanizada.

Nessa perspectiva, o princípio de *guerra justa* pode ser trabalhado com os alunos, uma vez que a associação dos caramarís a um importante líder da luta contra os portugueses fora interpretada como razão para a escravização de tal grupo étnico. Por fim, os dois textos mencionam a presença de ordens



## LEITURA DOS DOCUMENTOS

religiosas, como os carmelitas e os jesuítas, o que permite aos discentes discutirem sobre a associação entre Estado e Igreja no processo de colonização das Américas, principalmente em relação à exploração e controle sobre as populações indígenas. Assim, os diferentes âmbitos da exploração colonial poderão ser destacados pelos alunos.

O Diretório dos Índios, publicado em 1757, é um dos marcos históricos das políticas coloniais para os povos indígenas. A partir do contexto trabalhado com os outros documentos a respeito do século XVIII, o Documento 4 é um trecho do Diretório que determina a obrigatoriedade do ensino da língua portuguesa e da criação de escolas para a população local. Além disso, o excerto destaca a importância da língua como meio unificador de um povo sob um único soberano, comparando a realidade das colônias portuguesas com a da França e Espanha. Nessa perspectiva, a leitura do trecho aqui apresentado possibilita que os alunos identifiquem não só a questão do poder da Coroa de Portugal sobre a colônia, mas também a importância da população indígena no processo de consolidação da soberania portuguesa. Além disso, esses artigos do Diretório dos Índios podem ser comparados pelo professor com a necessidade da preservação das línguas e culturas indígenas do Brasil contemporâneo a fim extinguir o processo de aculturação desses povos há tanto tempo iniciado. No artigo 7, incluído na proposta didática, observa-se a imposição de papéis de gênero, distinção social que deve ser identificada pelos alunos e problematizada pelo docente.

Em comparação com o Documento 4, propõe-se a análise da Iconografia 1, que foi elaborada na Expedição do naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira. Essa representação aborda o mundo do trabalho na região amazônica, caracterizada pelo extrativismo, e apresenta tanto indígenas quanto colonos. Nesse sentido, espera-se que os alunos identifiquem a relação de poder entre esses dois grupos étnicos por meio da

## LEITURA DOS DOCUMENTOS

relação do trabalho, baseando-se nas personagens representadas no barco. Ao observarem a Iconografia 1 e seus respectivos dados, como título e coleção, os alunos devem identificar o contexto histórico em que ela foi produzida. Isto é, o período de expedições naturalistas para a demarcação das fronteiras coloniais e, por sua vez, de consolidação da colonização portuguesa na Amazônia.

Para a última seção, os alunos deverão analisar o Mapa 3, produzido pelo desenhador e membro da expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira, José Joaquim Freire. As questões serão respondidas com o intuito dos estudantes identificarem, novamente, a elaboração de mapas como discurso e projeto político, no contexto trabalhado ao longo deste kit didático. Na medida em que os rios forem identificados como meios de transporte de mercadorias, militares e de comunicação, bem como de irrigação das plantações, pretende-se que os educandos tenham uma visão mais dinâmica dos fenômenos humanos, como âmbito econômico e político. Por fim, ao associarem a exploração colonial à expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira, conclui-se que atividades econômicas são formas de manutenção de um poder político-administrativo, nesse caso, a soberania de Portugal sobre sua colônia na América.

## PROPOSTA DIDÁTICA

- 1) Analise os Mapas 1 e 2.
  - a) Os dois mapas são representações da realidade sob diferentes pontos de vista, aponte o que cada um deles representa.
  - b) Os Mapas 1 e 2 estão representados no mesmo espaço-tempo?
  - c) O que são as demarcações coloridas no Mapa 1? E no Mapa 2?
  - d) Verifique sobre as fronteiras e limites retratados nos dois mapas. Essa representação do Brasil atual respeitou a organização das populações originárias da América?
  - e) Baseada nas demarcações coloridas do Mapa 2, elas mostram mudanças territoriais ao longo do espaço-tempo? Justifique sua resposta.
  - f) Qual desses mapas possui um objetivo político?
  - g) Como a ideia moderna de um “Estado-Nação” se relaciona com as nações indígenas?
  - h) Comparando os dois mapas, pode-se afirmar que o Brasil possui um só povo? Justifique sua resposta.
  - i) Como foi o processo de transformação do território brasileiro no que conhecemos hoje? Quais foram os impactos nesse território? Você acha que os diferentes povos que se estabeleceram nessa região viveram em harmonia? Justifique sua resposta.
  - j) Quem define as fronteiras nacionais? Quem define uma nação?

## PROPOSTA DIDÁTICA

- 2) Leia o Documento 1 e a Historiografia 1.
- De que ano é o documento 1?
  - Por quem esse documento foi escrito e a quem ele foi endereçado?
  - Quais são as profissões elencadas por Domingos Vandelli no documento?
  - Conforme as palavras do documento 1, qual o objetivo da expedição organizada?
  - Para além do objetivo descrito no documento 1, qual seriam as outras intenções da viagem segundo o texto da historiografia 1?
  - Qual era o medo da realização dessas expedições na região por estrangeiros?

## PROPOSTA DIDÁTICA

- 3) Leia o documento 2.
- a) De que ano é o documento e por quem ele foi assinado?
  - b) O que está registrado nesse documento?
  - c) As pessoas mencionadas no documento possuem alguma ocupação profissional específica?
  - d) Essas pessoas estão sendo contratadas para realizar algum serviço? Se sim, identifique qual e onde.
  - e) Ao relacionar esse documento com o Documento 1 e a Historiografia 1, é possível dizer quem contrata essas pessoas e qual o objetivo dessas expedições? Especifique.

## PROPOSTA DIDÁTICA

- 4) Leia a Historiografia 2 e o Documento 3.
- a) Qual a região retratada na Historiografia 2?
  - b) Descreva quem é Guajuricaba/Ajuricaba, figura mencionada na Historiografia 2.
  - c) É possível afirmar que existe um conflito na região retratada? Quais eram os agentes envolvidos no conflito?
  - a) Quais são os interesses das duas nações europeias na cena descrita?
  - b) Qual a relação das populações indígenas com os grupos europeus que atuavam na região?
  - c) Pensando no significado da palavra *tratar* na Historiografia 1, por qual termo poderíamos substituí-la sem que o sentido original fosse perdido?
  - d) Qual a data do Documento 3, onde e por quem ele foi escrito?
  - e) O que está sendo relatado no Documento 3?
  - f) Qual a figura comum mencionada na Historiografia 2 e no Documento 3?
  - g) É possível afirmar a existência de um conflito na região do Rio Negro? Quais os agentes envolvidos nesse acontecimento?
  - h) Qual você acredita ser a motivação desse conflito?
  - i) Segundo os trechos, qual a reação dos indígenas frente a colonização europeia? É possível afirmar que existe uma postura pacífica dos indígenas nesse contexto?
  - j) Ao longo do período colonial, muitos povos originários foram dizimados e escravizados sob a justificativa da *guerra justa*. Reflita sobre a importância da figura de Ajuricaba para perceber o papel das populações indígenas frente a colonização.

## PROPOSTA DIDÁTICA

- n) Quais são as duas ordens religiosas mencionadas no Documento 3 e qual foi o papel desses grupos católicos no processo de colonização?
- o) Mencione ao menos um elemento político, um cultural e um econômico tratados pelos textos lidos.

## PROPOSTA DIDÁTICA

- 5) Documento 4 e Iconografia 1.
- a) Leia o Documento 4 e analise atentamente a Iconografia 1.
  - b) Em que ano o texto lido foi escrito?
  - c) A partir da leitura, qual é o objetivo do Diretório dos Índios?
  - d) Com base na resposta anterior, qual é o discurso construído em relação aos indígenas e quais são as suas consequências para tais povos?
  - e) Além da diferença entre os colonos e indígenas, o Documento 4 estabelece uma diferença social entre outros indivíduos. Qual é essa diferença?
  - f) Quantos grupos étnicos estão representados na Iconografia 1? Quais são eles?
  - g) Como esses grupos destacados estão retratados na imagem?
  - h) Na Iconografia 1, há uma relação de poder entre os indígenas e os colonos? Justifique.
  - i) Após observarem atentamente a imagem e terem lido suas informações, em que contexto político a Iconografia 1 foi feita?
  - j) A partir do contexto apontado e da leitura dos documentos, qual é o papel dos indígenas no projeto de soberania do Estado português?



## PROPOSTA DIDÁTICA

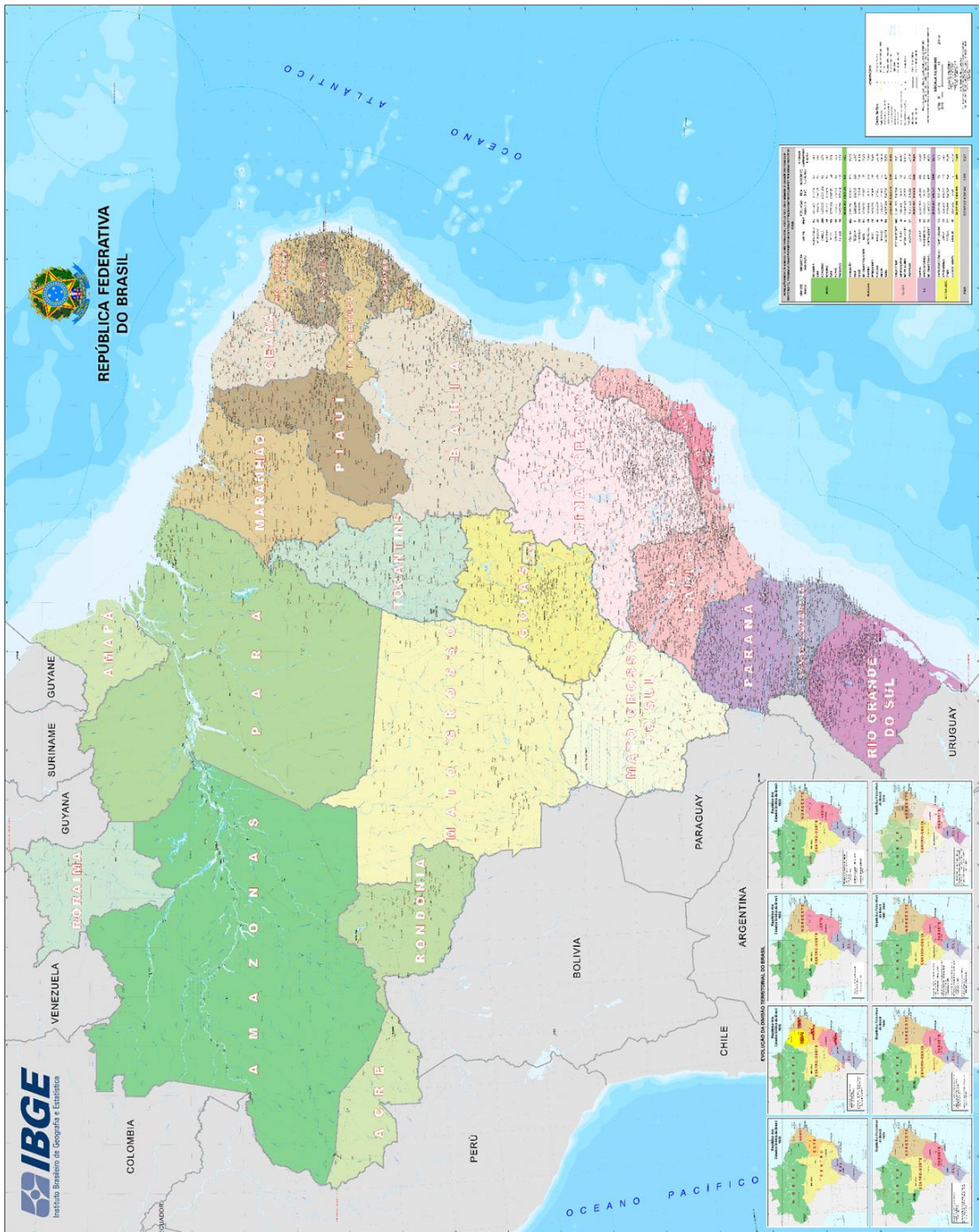
- 6) Analise o Mapa 3.
- a) Quem é o autor do mapa e qual local está sendo retratado?
  - b) Retorne ao documento 2 e o analise conjuntamente com o Mapa 3 para responder às perguntas abaixo.
    - i) Em que contexto o mapa foi produzido?
    - ii) Qual era o objetivo do autor em produzi-lo?
  - c) Após analisar o Mapa 3, qual elemento geográfico está em destaque nessa representação cartográfica?
  - d) Os rios sempre foram importantes meios de transporte para as sociedades humanas. Identifique uma função econômica e uma função política dos rios retratados no Mapa 3, no século XVIII.
  - e) Qual é a relação entre as atividades econômicas do período colonial e a resposta dada na questão 2?

# MAPA 1



NATIVE LAND DIGITAL. **Populações indígenas na América do Sul e territórios correspondentes.** Recorte feito a partir de informações contidas no banco de dados digital Native Land. 2023.

# MAPA 2



Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Mapa Político do Brasil**. 2021.

# DOCUMENTO 1

*"[...] a nova expedição, que Sua Magestade pertende fazer d'alguns Mathematicos para a nova Demarcação, suscitou no meu espírito o pensamento da vantagem que a nossa Nação poderia tirar se ella, ao exemplo da França e mais países, se fizesse completa pela associação d'alguns filósofos naturalistas, e d'um desenhador, os quaes tendo nestas Ciências feito um curso teórico, e pratico sem se distrahirem com outras aplicações, podessem fazer com que Portugal não invejasse aos estrangeiros uma gloria, para a qual se apresenta uma tão bella occasião".*

VANDELLI, Domingos (1777) apud FARIA, Miguel. **A Imagem útil**. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2001, p. 2.

## **GLOSSÁRIO**

**Suscitar:** causar; provocar.

**Associação:** trata-se da organização de pessoas que buscam cumprir determinado objetivo.

**Filósofos naturalistas:** refere-se a estudiosos das ciências da natureza.

**Aplicação:** o termo aqui empregado tem o sentido de "profissão".

# HISTORIOGRAFIA 1

*“Domingos Vandelli representaria, neste domínio específico da História Natural, o ponto de aplicação do poder político apostado na (re)descoberta dos domínios coloniais da Coroa Portuguesa e das suas respectivas potencialidades de exploração económica. [...] Para além da Ciência e da Economia convergiam ainda, neste feixe de intenções, as mais estreitamente ligadas às funções do poder político: a garantia da ocupação do território, questão fundamental do continente ibero-americano, em pleno processo de estabelecimento de linhas fronteiriças entre os respectivos mundos coloniais.”*

FARIA, Miguel. **A Imagem útil**. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2001, p. 89.

## **GLOSSÁRIO**

**Apostado:** adjetivo derivado do verbo apostar.

**Convergir:** unir, agregar.

## DOCUMENTO 2



*Recebi do Sr. João Gomes de Araújo, a q  
tia de hum conto, seis centos, e trinta, e dois mil  
das ajudas de custo dos Naturalistas, Pescadores, e  
dinheiros Botânicos, q. vão para as Expedições: as*

*Para*  
O. Alexandre Rodrigues Ferreira  
Naturalista ..... 240000.  
Agostinho Joag. do Cabo Sardoineiro  
Botânico ..... 192000  
Joag. Jozé Codina Pescador ..... 192000  
Jozé Joag. Freire Pescador ..... 192000  
Mocambique.  
Jozé da Costa Sardoineiro Botânico ..... 192000  
Antonio Gomes Pescador ..... 192000  
Angollo.  
Angelo Donati Naturalista, e Pescador ..... 240000  
Jozé Antonio Pescador ..... 192000  
Soma 1632000  
Hoje 5. de Março 1783. Julio Mattiuzzi

MUSEU E LABORATÓRIO ANTROPOLÓGICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.  
Memória da Amazônia. Alexandre Rodrigues Ferreira e a Viagem Filosófica pelas  
Capitanias de Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá. 1783-1792. Porto:  
Edições Inapa, 1991, p. 16.

## DOCUMENTO 2

### TRANSCRIÇÃO PALEOGRÁFICA

Recebi do Snr João Gomes de Araújo a q  
tia de hum conto, seis centos, e trinta, e dois mil  
das ajudas de custo dos Naturalistas, Riscadores, e Jar  
dineiros Botânicos, q. vão para as Expedições: a

Pará

O Dom Alexandre Rodrigues Ferreira

Naturalista.....240ç000 8

Agostinho Joaquim do Cabo Jardineiro

Botânico.....192ç000 8

Joaquim Joze Codina Riscador.....192ç000 8

Joze Joaquim Freire Riscador.....192ç000 8

Moçambique

Joze da Costa Jardineiro Botânico.....192ç000 8

Antonio Gomes Riscador .....192ç000 8

Angolla

Angelo Donati Naturalista e Riscador .....240ç000 8

Joze Antonio Riscador..... ..... 192ç000 8

-----  
Soma 1632ç000 8

Hoje 5 de Março 1783

Julio Mattiazzi

### GLOSSÁRIO

**Snr:** senhor, de maneira abreviada.

**Qtia:** quantia, de maneira abreviada.

**Riscadores:** desenhistas.

## HISTORIOGRAFIA 2

*Guajuricaba [...] é mais conhecido por Ajuricaba e era dos Manaus. Entre estes havia muitos principais, amigos dos portugueses, e em trato e boas relações com os Carmelitas, missionários do Rio Negro, e com os moradores do Pará. Mas num dado momento Ajuricaba, pôs-se contra os Missionários e arvorou na sua canoa a bandeira holandesa. Dizem uns que êle tinha a bandeira por tratar com os holandeses, directa ou indirectamente, outros que a tinha por tomar em guerra aos Caraíbas, aliados dos holandeses e inimigos dos Manaus. Os documentos paraenses são unânimes em afirmar que os holandeses de Suriname entretinham relações comerciais com os Manaus e que entre êles se viam artefactos e armas dos holandeses, e isto de longa data e até ao Rio Madeira.*

LEITE, Serafim. **A História da Companhia de Jesus no Brasil**. Tomo III, Livro 4.  
Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943, pp. 77-8.

### GLOSSÁRIO

**Principais:** líderes.

**Trato, tratar:** comercializar, comércio.

**Arvorar:** hastear.





## DOCUMENTO 3

### TRANSCRIÇÃO PALEOGRÁFICA

*Um caramarí, índio da nação manaó, de idade pouco mais ou menos de cincoenta anos, com um sinal de um R acima do peito direito e outro mais preto no peito esquerdo, aliado do principal Guajuricaba, escravo legítimo da Tropa de Guerra dado pelos quintos a El Rei. João Duarte da Cruz, escrivão da Tropa de Guerra, passei o presente registro que assinou o Capitão Comandante João Paes do Amaral, cabo da dita Tropa [ilegível] Mui Reverendo Padre Missionário da Companhia de Jesus neste Rio Negro e Arraial de Nossa Senhora do Carmo e Santana, aos 22 de setembro de 1727 anos.*

*José de Souza*

### GLOSSÁRIO

**El Rei:** Rei [de Portugal].

**Cabo:** graduação hierárquica de praça imediatamente superior ao soldado (no Exército e na Aeronáutica) ou ao marinheiro (na Marinha).



[...] 6 - Sempre foi máxima inalteravelmente praticada em todas as Nações, que conquistaram novos Domínios, introduzir logo nos povos conquistados o seu próprio idioma, por ser indisputável, que este é um dos meios mais eficazes para desterrar dos Povos rústicos a barbaridade dos seus antigos costumes; [...] Observando pois todas as Nações polidas do Mundo, este prudente, e sólido sistema, nesta Conquista se praticou tanto pelo contrário, que só cuidaram os primeiros Conquistadores estabelecer nela o uso da Língua, que chamaram geral: invenção verdadeiramente abominável, e diabólica, para que privados os Índios de todos aqueles meios, que os podiam civilizar, permanecessem na rústica, e bárbara sujeição, em que até agora se conservavam. Para desterrar esse perniciosíssimo abuso, será um dos principais cuidados dos Diretores, estabelecer nas suas respectivas Povoações o uso da Língua Portuguesa, não consentindo por modo algum, que os Meninos, e as Meninas, que pertencerem às Escolas, e todos aqueles Índios, que forem capazes de instrução nesta matéria, usem da língua própria das suas Nações, ou da chamada geral; mas unicamente da Portuguesa, na forma, que Sua Majestade tem recomendado em repetidas ordens, que até agora se não observaram com total ruína Espiritual, e Temporal do Estado.

7 - E como esta determinação é a base fundamental da Civilidade, que se pretende, haverá em todas as Povoações duas Escolas públicas, uma para os Meninos, na qual se lhes ensine a Doutrina Cristã, a ler, escrever, e contar na forma, que se pratica em todas as Escolas das Nações civilizadas; e outra para as Meninas, na qual, além de serem instruídas na Doutrina Cristã, se lhes ensinará a ler, escrever, fiar, fazer renda, costura, e todos os mais ministérios próprios daquele sexo. [...]

Diretório dos Índios que se deve observar nas povoações dos Índios do Pará e Maranhão, enquanto sua Majestade não mandar o Contrário (1757).

## DOCUMENTO 4

### GLOSSÁRIO

**Desterrar:** eliminar; fazer cessar.

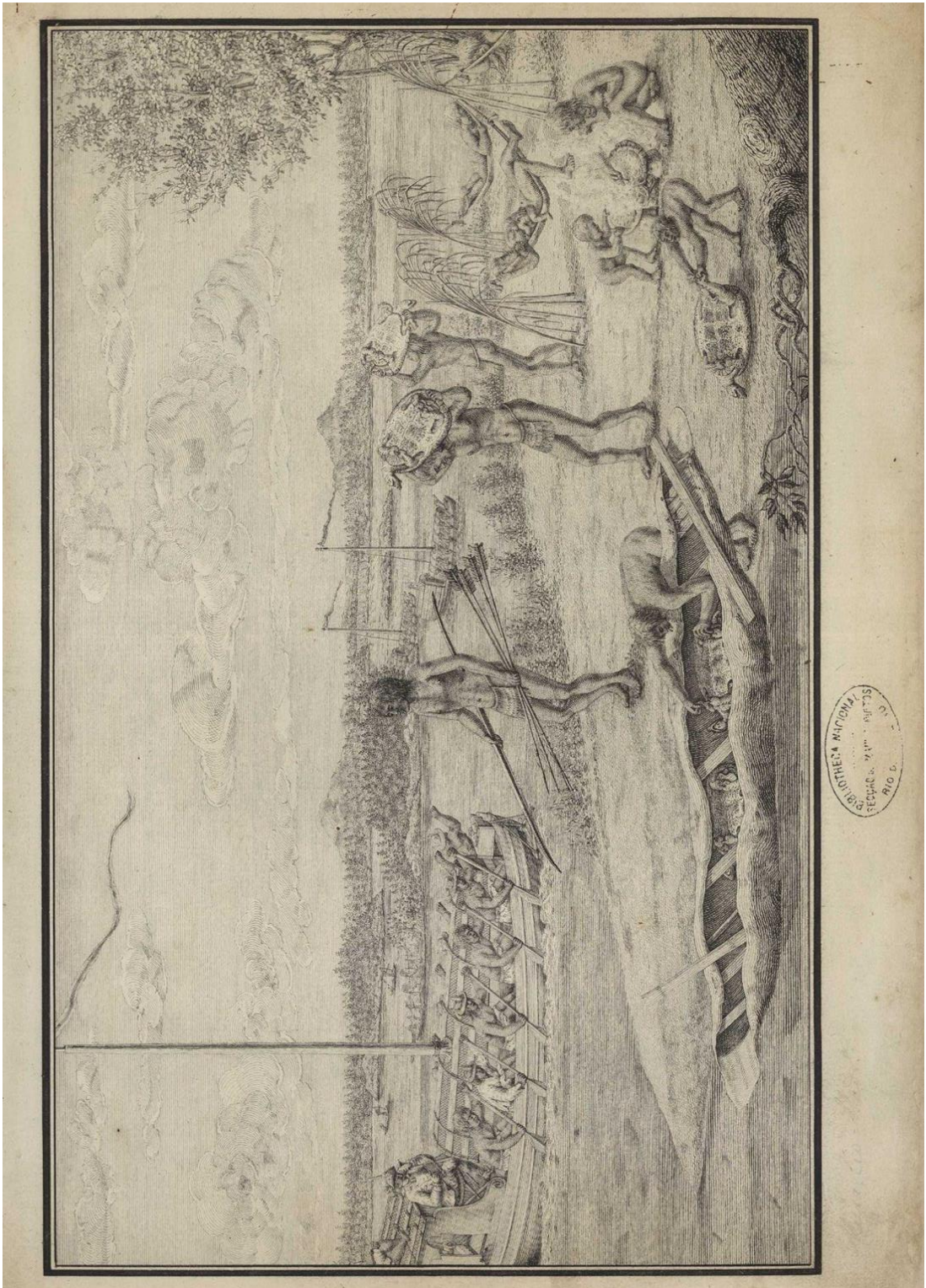
**Rústicos:** pode ser entendido também como bruto, ignorante.

**Língua Geral:** língua derivada do tupi-guarani sistematizada pelos jesuítas para facilitar a conversão dos indígenas.

**Pernicioso:** que faz mal; nocivo, ruinoso.

**Diretores:** cargo dos responsáveis por administrar as normas da lei do Diretório dos Índios, promulgada em 1757 por D. José I.

# ICONOGRAFIA 1



BIBLIOTECA NACIONAL  
SECCAO. 4.ª - 1.º andar  
RIO D.

BIBLIOTECA NACIONAL. **A pesca das tartarugas.** Coleção da expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira [17--].

# MAPA 3



BIBLIOTECA NACIONAL. Carta Geográfica do Rio Branco ou Parimé, e dos Rios Caratirimani, Uararicapará, Majari, Tacutú, e Mahú, que nelle confluem, por José Joaquim Freire. [17--].

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Sarah dos Santos. *Imaginário e medo na catequese indígena — Análise a partir da ação missionária na Amazônia Portuguesa*. In: FERREIRA, Arcângelo da Silva e MACIEL, Elisângela (org.). **História, cultura, trabalho e instituições na Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2021, pp. 277–307.

FALCON, Francisco José Calazans. **A Época Pombalina**. São Paulo: Ática, 1982.

GODINHO, Vitorino de Magalhães. *Portugal, as frotas do açúcar e as frotas do ouro (1670–1770)*. **Revista de História**, São Paulo, v. 7, n. 15, p. 69, 1953. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/35730>

KANTOR, Iris. *A Academia Real de História Portuguesa e a defesa do patrimônio ultramarino: da paz de Westfália ao Tratado de Madri (1648–1750)*. In: BICALHO, Maria Fernanda; FERLINI, Vera Lúcia Amaral (org.). **Modos de Governar — Ideias e Práticas Políticas no Império Português (séculos XVI a XIX)**. São Paulo: Alameda, 2005. pp. 257–276.

\_\_\_\_\_. *Cartografia e diplomacia: usos geopolíticos da informação toponímica (1750–1850)*. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 39–61, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5513>

MAGALHÃES, Joaquim Romero. **Labirintos Brasileiros**. São Paulo: Alameda, 2001.

RUSSELL-WOOD, A. J. R. *Fronteiras do Brasil Colonial*. In: \_\_\_\_\_. **Histórias do Atlântico português**. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2021, p. 279–302.

SCHWARCZ, Lilia e GOMES, Flávio. **Amazônia escravista**. In: \_\_\_\_\_. *Dicionário da escravidão e da liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, pp. 106–112.

SILVA, Priscila Rubiana de Lima da Silva; SANTOS, Christian Fausto Moraes. *Traduzindo o mundo natural dos domínios portugueses: Vandelli e as expedições filosóficas do século XVIII*. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História — ANPUH**. São Paulo: julho de 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300736738\\_ARQUIVO\\_Anpuh\\_SaoPaulo2011.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300736738_ARQUIVO_Anpuh_SaoPaulo2011.pdf)

VALE, Stephanie Lopes. **A ocupação urbana na capitania do Pará: planejamento dos territórios portugueses no período pombalino**. In: FERREIRA, Arcângelo da Silva e MACIEL, Elisângela (org.). *História, cultura, trabalho e instituições na Amazônia*. Manaus: Editora Valer, 2021, pp. 309–337.